95/E
Biblioteca Popular de Lisboa

Album dos Vencidos

N.º 10

Editor, Director e Proprietario, Alberto Pereira d'Almeida ✧ Redacção e Administração, Rua Ruy de Pina, n.º 15, GUARDA ✧ Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 2º, Lisboa.

FH

Os Irmãos Chagas

Porque souberam corresponder com dedicação á sympathia com que eram acolhidos pela Familia Real desde o Senhor D. Carlos, e porque tiveram a

Capitão Raul Pinheiro Chagas

Dr. Mario Pinheiro Chagas

Edgardo Pinheiro Chagas

intuição do momento lugubremente historico em que principiava a debater-se a nacionalidade portugueza com a nova forma de governo, por isso mesmo, e porque ás ondas de desvairamento da demagogia infrene, tentaram oppôr o esforço do seu braço e as luzes da intelligencia n'um intuito patriotico, tiveram de exilar-se para se furtarem á rajada perseguidora, e mesmo para melhor luctarem pelo regimen cahido.

São elles o jornalista Alvaro Pinheiro Chagas, o capitão Raul P. Chagas, Dr. Mario P. Chagas, advogado, e o commerciante Edgardo P. Chagas, filhos do grande estadista e escriptor Manuel Pinheiro Chagas, e irmãos do desventurado e saudoso Frederico P. Chagas.

Tres annos de sobresaltos; O Passado e o Presente; Os Vencidos

Despontára radiosa e limpida, para os dônos d'este florido rincão da Peninsula, a madrugada de cinco d'Outubro. A escumalha anonyma das ruas, ainda sob a suggestão do verbo inflammado dos arengadores comicieiros, rompeu, frenetica, em vivorios rubros ao sol da liberdade que desabrochava em fulvos raios d'esperança. As turbas apopleticas, embriagadas pela febre d'um enthusiasmo jacobino, entoavam o hymno redemptor da Patria que renascia para mais venturosos fados... Desfraldados á branda viração do Tejo crystallino, os estandartes vermelhos fluctuavam á guisa de continencia aos apostolos da revolução triumphante. Vasos de guerra — ridiculas miniaturas d'essas colossaes fortalezas ambulantes que sulcam garbosamente as aguas revôltas do Oceano – embandeiravam em arco e davam as salvas do estylo em tão solemne e retumbante momento historico. Os traidores da Monarchia deposta, refeitos do susto que os atormentára como um pezadelo horrivel, esfregaram as mãos de contentes [e começaram d'abancar-se descerimoniosamente á lauta mesa do Orçamento, na ancia de repararem as forças gastas em defeza do regimen que lhes recamára de veneras os patrioticos peitos! Os outros, — thalassões dos quatro costados que assistiram mudos e quêdos a essa mutação de scêna que os privara dos elevados cargos que desempenhavam, — sumiram-se na voragem d'uma cobardia sem nome. Ficaram alguns — poucos — no seu pôsto de combate, honrando as tradições d'um Passado glorioso que echoou por todos os recantos do Planeta como um clarim de guerra que resoasse de quebrada em quebrada, communicando aos povos o triumpho d'uma batalha sangrenta. E d'essa

Alvaro Pinheiro Chagas

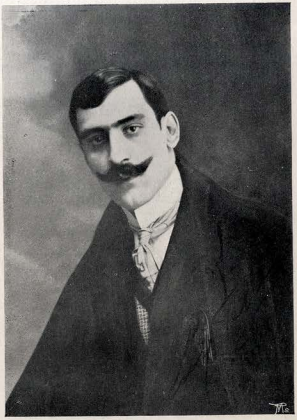
ingente lucta travada contra as densas trevas da Barbaria — rasgando novos e largos horisontes á Civilisação e fendendo mares nunca d'antes navegados — colheu heroicamente os louros este formoso pedaço de terra cujas orlas occidentaes, engastadas de penedias e cravejadas d'aureas areias, o magestoso Atlantico soffregamente beija, cobrindo-as com o manto alvo da sua espuma e acalentando-as com o marulhar eterno das suas vagas.

Depois... a alcateia ululante de carbonarios ferozes, sedenta de sangue e avida de vidas, perseguindo, encarcerando, cuspindo insultos, vomitando todo o pus da sua alma perversa, e immolando — em holocausto ao phrygio barrete dos seus sonhos — victimas innocentes e indefezas! Sobre um lodaçal de protervias, uma rajada violenta de temporal devastador e assassino!...

. . . . . .

. . . . . .

E os indomitos combatentes do Salado e d'Ourique, da Asseisseira e d'Aljubarrota — os destemidos netos de Viriato que abateram as aguias cubiçosas d'um Bonaparte e repelliram o dominio ultrajante de tres Philippes — quedaram-se indifferentes, aterrados, talvez, ante a onda avassalladora e ferina d'uma demagogia despotica e insolente. Essa paz pôdre de oitenta annos que começara com D. Maria II e acabara com D. Manoel de Bragança, gerou o dessoramento d'uma raça e preparou — quem sabe? — o suicidio lento e inglorio d'um pôvo que fôra grande na Historia porque soubera ser, como nenhum outro, heroico e bravo nas pugnas, generoso e bom para os vencidos, magnanimo e nobre para os humildes, e altivo, por sua vez, para



Dr. Luiz Telles de Vasconcellos

Accusado de chefiar um «complot» do districto da Guarda, foi preso por duas vezes; a primeira em outubro de 1911, sendo posto em liberdade em fins de dezembro seguinte; e a segunda nos dias da incursão de julho de 1912 quando de Vizeu se dirigia á Guarda em automovel.

Conduzido a Braga evadiu-se da prisão em fevereiro do anno seguinte, vindo mais tarde a ser julgado á revelia, sendo absolvido. Receiando novas perseguições, continua emigrado em Salamanca. E' filho do fallecido conselheiro Antonio Telles de Vasconcellos, que foi ministro da justiça em 1892 no gabinete Dias Ferreira e da Sr.ª D. Josefa da Cunha Telles de Vasconcellos; formou-se em Direito na Universidade de Coimbra em 1909.

os detentores da Força que vence o Direito e do Ouro que compra a consciencia dos miseraveis!

Hoje — esses humildes obreiros do Progresso que rasgam as entranhas do globo, que abrem estradas, arroteiam os campos, erguem palacios, levantam pontes e batem o ferro; que mourejam, emfim, de sol a sol para a conquista d'um pedaço de pão negro tantas vezes regado com as lagrimas do Infortunio e quasi sempre amassado com o suor d'um trabalho violento e extenuante que tão prematuramente os arrasta para a valla rasa dos cemiterios — esses — diziamos — são os que mais soffrem os effeitos perniciosos d'uma propaganda mentirosa e corrupta, a propaganda d'aquelles que tão cynicamente afivelaram a mascara da Redempção, armando á ingenuidade é á desgraça para d'ellas fazerem o pedestal do seu throno!

João Rodrigues

Primeiro cabo da guarda municipal, natural de Porcas, concelho da Guarda, condemnado em 20 mezes de prisão correccional e multa correspondente, como implicado no «complot» d'Evora.

Eis a situação! Esta atmosphera deleteria que se respira, que peza como chumbo e córta como a lamina afiada d'um punhal, é preciso purifica-la sem delongas insuflando-lhe um oxigenio novo que restitúa o vigor ao depauperado e decrepito organismo do Pais.

Basta de humilhações! Basta de loucuras! E' tempo de arripiar caminho e embargar o passo — vá o termo — a essa vaga d'enxurro que ameaça subverter, mais do que um regimen que não tem a sancção popular, a propria integridade d'uma Nação que quer ser livre e autonoma.

Basta!

Muito longe iriamos — decerto — se nos propozessemos desfiar, uma a uma, as contas d'este rosario d'amarguras... Fallemos, agora, um pouco dos Vencidos: o seu estoicismo e a sua altivez são dignas de registo. E' obscura demais a nossa penna para poder traçar-lhes o perfil; essa falta que nós desejaramos que a não houvesse, suppre-a, em parte, a nossa boa vontade e outros bem mais competentes do que nós se encarregarão de fazer a biographia d'esses briosos descendentes de Nun'Alvares, aos quaes não esquecemos n'esta hora amarga de provações crueis. Para tão intemeratos luctadores, para todos os que soffrem as agruras do exilio e para todos os que — nos ergastulos das Penitenciarias e do Limoeiro expiam ainda, com heroica resignação, as penas d'um delicto politico que a suprema ironia d'uma lei enjei-

tada com uns relevos de fingida liberdade, registou civilmente com o nome de crime de rebellião — vão as nossas maiores sympathias e os mais sinceros e ardentes votos pela sua restituição immediata ao seio das familias e da Patria!

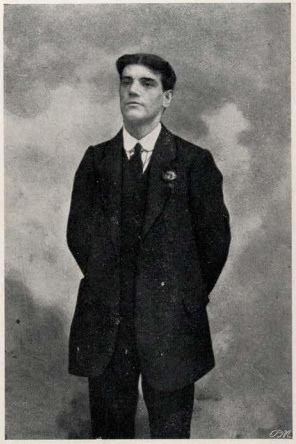
Nunca commungamos no credo republicano nem nunca, para orgulho do nosso apagado nome, abdicamos das nossas convicções que em nossa alma, dia a dia, mais se fortalecem e radicam.

Dizemol-o com energia e sem temores, porque jámais a nossa consciencia se vendeu ou de nós se apossou, por um instante só que fosse, o mais leve desfallecimento e hesitação que seriam — nas horas d'angustias e de lagrimas que no incorruptivel relogio do tempo tão lugubremente veem soando — gravando-as tambem — como um disco phonographico — o bronze da Historia — para reproduzil-as ao Futuro como o echo sonoro e vivo d'uma afronta — que seriam — repetimos — mais do que uma cobardia — uma traição e uma vileza!...

. . . . . .

. . . . . .

E se é certo que — ao evocarmos um Passado èsplendoroso e epico, e cotejando-o com o Presente — a nossa alma sangra de dôr — para que occultarmos que ainda sentimos — a par d'uma grande e infinita saudade — um legitimo orgulho com a lembrança de que lá longe — em terras do exilio — pulsam genuinos corações lusitanos que tão ousada e valorosamente, sob o sol mortifero e ardente da Africa — bem alto alçaram o nome do nosso querido e amado Portugal, soltando ao vento abrazador d'inhospitas plagas — e hasteando-o depois — o immaculado pendão das quinas nacionaes?...



Laurentino Pereira

Natural de Lisboa; foi pelo tribunal marcial de Santa Clara condemnado em 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo em possessão de 1.ª classe, que está cumprindo na Penitenciaria de Lisboa onde deu entrada a 20 de janeiro de 1913.

. . . . . .

Tenhamos fé! Inoculemos uma seiva fecunda n'essa legião descrente de parias que para ahi vegetam, e apontemos-lhe o Porvir como uma esperança em

melhores e mais felizes destinos... Se não é tudo, é já o bastante para socego da nossa consciencia de verdadeiros e authenticos patriotas.

Não queremos de modo algum tornar longo e fastidioso este artigo que tem apenas a virtude de dizer sem rebuços as amargas e duras verdades que julgamos do nosso dever não calar em tão triste e difficil conjunctura da nossa vida politica.

Joaquim Figueiredo

Natural de Lisboa, foi pelo tribunal marcial de Santa Clara condemnado a 4 annos de prisão maior cellular seguidos de 8 de degredo em possessão de 1.ª classe, que está cumprindo na Penitenciaria de Lisboa, onde deu entrada a 20 de janeiro de 1913.

Para seu remate — como uma corôa d'espinhos a ferir fundo e dolorosamente — não esqueçamos os ultrajes cuspidos sobre o infortunio d'um Rei e a honra d'uma Princeza.

Por tal forma revoltam e por modo tal repugnam infamias tamanhas, que a nossa penna não tem a firmeza precisa para lavrar no papel — em phrases de justificada colera — a condemnação d'um acto tão baixo e desprezivel que faria córar de vergonha o mais cynico dos comediantes! Sua alma, sua palma. As viboras tambem rastejam no pó dos caminhos para morderem os calcanhares do viajante incauto, e uma pequena pressão do pé é o bastante para esmagal-as.

Os mollossos que saltam ás encruzilhadas, afastam-se com a biqueira da bota; os calumniadores de profissão, a tanto por linha, desprezam-se como vilões!...

. . . . . .

Aos augustos noivos de Sigmaringen — tão dignos — pelas excelsas qualidades do seu coração, como pelos elevados e cultos dotes do seu espirito — d'um Futuro risonho e venturoso — nós vimos reiterar a expressão da nossa inconcussa fidelidade e render o preito do nosso profundissimo respeito e viva admiração.

S. João de Fontoura, 30 de Setembro de 1913.

AYRES DE MENDONÇA.

Presos no Circulo Catholico do Porto

Na noute de 29 de setembro de 1911 e que transitaram pelo Forte Alto Duque e Limoeiro, conduzidos a bordo do *Adamastor* sendo no desembarque, espancados, escarrados e esfarrapados.

1.º Plano, da direita para a esquerda: Julio da Costa, Sebastião B. de Campos. Manoel d'Oliveira, José P. Ribeiro e Antonio Duarte.
2.º Plano: David Nepomoceno Silva, Antonio Nunes Alberto, João Cardoso, Manuel Martinho Guedes R. Valente, Manuel Ferreira e José Gomes F. Ferreira.
3.º Plano: Alvaro A. Azevedo, Joaquim da Silva Fonseca, Alberto Correia de Faria, José Emygdio Alves P., Antonio Alves da Silva, Luiz Cunha M. Santos Monteiro, Francisco R. Vieira de Mattos, Leonardo Pedro de Castro, Fernando Gramaxo Junior, Norberto C. d'Oliveira e Carlos Costa e Silva.
4.º Plano: Antonio Teixeira Montenegro, José Leite, Antonio da Silva Moutinho, Joaquim da Silva Mendonça, Joaquim Dias Paranhos e Manuel M. d'Assumpção Madureira.

Costa Allemão

Manuel Pinto d'Almeida da Costa Allemão Teixeira, filho do Doutor José Pedro Teixeira, lente da Universidade do Porto e de D. Ermelinda Pinto d'Almeida da Costa Allemão Teixeira, nasceu no Porto em 20 de maio de 1893, indo de 10 mezes para Coimbra, onde esteve com os avós maternos até completar o curso do lyceu, voltando depois para o Porto a frequentar as aulas da academia polytechnica necessarias para matricular-se na escola naval, em que deu entrada aos 17 annos.

Costa Allemão
(Aspirante de marinha)

Achava-se, pois, n'esta edade no 1.º anno d'aquella escola, graduado em aspirante de marinha, o nosso biographado, que nunca em politica havia pensado, quando a queda da monarchia e os destemperos do novo regimen lhe levantaram o alto espirito n'um sublime gesto de indignação e de protesto que o levaram a abandonar o curso com o seu unico condescipulo e outros estudantes, passando a fronteira para se reunir ás hostes realistas de Couceiro, de quem se tornou admirador e verdadeiro amigo.

Prestando á causa a que d'alma e coração se dedicára, todos os serviços que podia, entrou na incursão de Chaves, e ahi foi gravemente ferido por uma bala que lhe atravessou o pulmão continuando ainda a batalhar com a coragem e valentia de que deu inconcussas provas.

Internado novamente na Hespanha, esteve á morte durante bastante tempo tratado pelo tio Dr. Agostinho, que foi quem, com a ajuda de Deus, o salvou.

Este moço, que ainda em maio ultimo fez sómente 20 annos, era tão ponderado, tão digno e tão considerado pelo seu alto valor physico, moral e intellectual que, durante a sua grave doença, mettido com o tio n'um recanto ignorado d'Hespanha, ahi mesmo foi visitado a occultas por pessoas importantes, entre ellas o Marquez de Lavradio, a esposa e cunhada de Paiva Couceiro, etc.

Ficou finalmente sem defeito, graças aos cuidados do tio, da mãe e da avó, duas heroinas que com elle estiveram mais de um mez, depois de terem durante tres longuissimos dias percorrido a Hespanha, á ventura, com o coração alanceado e uma creança de 6 mezes nos braços, procurando-o até chegarem a encontral-o.

Reside actualmente na Belgica onde segue um curso de engenheiro electricista, havendo sido condemnado em Chaves a 20 annos de degredo.

Não fecharemos estas resumidas notas biographicas sem trasladar para aqui um trecho do dialogo, que se lê no 3.º fasciculo do *Estado actual da causa monarchica* do primoroso escriptor Malheiro Dias.

Falla-se do Faustino, o impedido de Paiva Couceiro, morto na incursão de Chaves.

«Um exemplo de dedicação e de coragem, diz Malheiro Dias.

«— Não foi o unico replica Paiva Couceiro... o aspirante de marinha Costa Allemão Teixeira, ferido gravemente com uma bala que lhe entrou no peito e sahiu pelas costas, regressou á columna depois do curativo, apparecendo-me em Soutelinho da Raia. Durante um curto tiroteio que a columna sustentou na retirada, e a que eu assistia sentado n'um muro, percebi que esse bravo rapaz procurava preservar-me, vindo collocar-se na minha frente, com o pretexto de fallar-me».

Cliché Clemente J. Gomes

Cathedral da Guarda

(Portico do lado norte)

Lê-se com respeito e admiração esta apologia d'um mancebo quazi imberbe, feita com toda a gravidade por um valente consagrado pelos seus grandes serviços á Patria nas arduas pugnas africanas.

ERRATAS

Na pag. 6 — versos de Lopes Vieira, onde se lê *brazões*, deve lêr-se *varões*.
» » 63 — linha 12, onde se lê *movimenta* deve lêr-se *movimente*.
» » 129 — linha primeira, onde se lê *Ornellos*, deve lêr-se *Ornellas*.
» » 281 — » » » *Do secretariado*, deve lêr-se *Da administração*.

Manoel Casimiro d'Almeida e seu filho José Casimiro

A causa monarchica creou proselytos em todas as classes sociaes, seleccionando para si os melhores e mais considerados vultos.

Manuel Casimiro, que por ella foi sacrificado em 40 dias de clausura após a incursão de julho de 1912, é hoje o mais estimado e popular artista tauromachico, tendo uma carreira largamente assignalada de triumphos e ovações.

Manoel Casimiro d'Almeida

Estreiando-se como cavalleiro na praça de S. Pedro do Sul, no anno de 1877, a sua vontade decidida e persistente, reunida á natural aptidão, marcaram no seu tirocinio um aperfeiçoamento progressivo, attrahindo as attenções e sympathias do publico, cercando o seu nome de justa fama e determinando a sua entrada na praça do Campo Pequeno, onde lhe foi dada a alternativa pelo cavalleiro Alfredo Tinoco aos 12 d'agosto de 1892 na corrida seguinte á inauguração.

Collocado na plana dos mais festejados lidadores, Manuel Casimiro não desmentiu os

dotes adquiridos e affamados, antes os radicou e desenvolveu, augmentando as affeições e sympathias do publico e assegurando o logar, que justamente occupa no primeiro taurodromo do paiz.

De trato fino e cuidado; espirito de bom quilate, modesto por indole, tem a espelhar-se-lhe no caracter os mais selectos dotes que a natureza concedeu á creatura.

E' commandante dos bombeiros voluntarios de Vizeu ha vinte e seis annos, logar para que foi eleito por acclamação.

Possue varias portarias de louvor e condecorações ganhas em incendios com risco da propria vida.

José Casimiro d'Almeida

A perpetuar-lhe a tradição e a honrar a sua memoria, José Casimiro, que pela mesma occasião e delicto politico foi preso, estando oito largos mezes na cadeia do Limoeiro, até julgamento em que foi absolvido, é o filho amado e o maior orgulho de seu pae.

Antonio Monteiro Borges de Araujo

Accusado de ter cumplicidade no movimento revolucionario monarchico nos concelhos de Celorico, Cabeceiras de Basto e de Vieira, foi preso em 6 de Agosto de 1912 na sua casa de Villa Nova de Sande do concelho de Guimarães.

Antonio Monteiro Borges de Araujo

Conduzido á prisão onde o conservaram incommunicavel, foi julgado em 21 de Setembro no tribunal de guerra de Celorico de Basto que o condenou a 2 annos de prisão maior cellular ou em 3 de degredo em possessão de 1.ª classe. Em seguida, escoltado por uma força de infanteria e na companhia de muitos outros seus infortunados companheiros de luctas, deu entrada na Penitenciaria de Coimbra, onde está cumprindo sentença, O que se passou n'essa leva e n'outras que lhe succederam, está o paiz bem lembrado, por infelicidade nossa.

Felizmente este nosso biografado, tem animo para resistir, pois apesar da

sua abalada saude, encontra-se resignado. Antonio Monteiro Borges de Araujo, nasceu a 17 d'abril de 1856 em Varzea d'Ovelha, concelho de Celorico de Basto, sendo filho de Gaspar Monteiro Borges de Araujo e de D. Leonor Emilia de Abreu Araujo e Azevedo Bacelar, da casa do Souto, freguezia de S. Clemente do concelho de Celorico de Basto.

E' casado com D. Maria da Gloria Borges de quem tem quatro filhos, sendo ao presente digno representante das duas antigas casas: o solar da Torre e a casa do Souto.

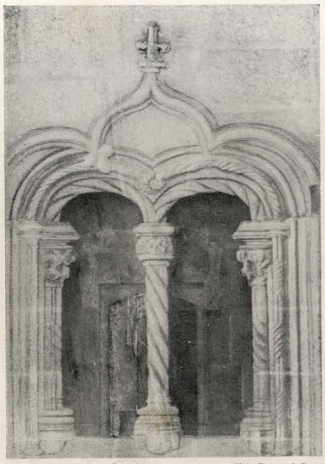
Esta familia usa de titulos nobiliarquicos muito illustres, pois procede de Rodrigo Annes ou Gonçalo Annes, que serviu Filippe II, o Augusto, Rei de França; descendente da linhagem dos Regos, muito antiga em Portugal. Passou effectivamente a França e serviu aquelle monarcha por quem foi enviado a soccorrer a praça de Bourges na provincia de Berri, que então se achava dominada pelas armas inimigas, e tão bem fortificada, que na opinião dos generaes d'aquelle tempo parecia inexpugnavel. No entanto Gonçalo Annes á frente das tropas que foram confiadas ao seu commando, não só tomou a praça, como desbaratou o inimigo. Pelos actos de bravura e estrategia que alli praticou foi armado cavalleiro pelo dito rei, com o appelido de *cavalleiro de Bourges*, e agraciado com um brazão de armas alusivo áquelle feito, que os seus descendentes ainda hoje conservam: e vem a ser um escudo em campo de sangue, um leão de ouro batalhante, armado de preto, e uma bordadura de azul semeada de dez flôres de lis de oiro; timbre um meio leopardo com uma flôr de lis de sangue na testa.

D. Maria Fernanda Netto Affonso de Menezes

Uma das senhoras que mais devotadamente tem trabalhado angariando donativos a favor dos presos politicos pobres, com a sua «boule de neige».

Voltando a Portugal, sua patria, depois da morte de Filippe, o Augusto,

fez assento na torre de Moncôrvo onde casou com Gracia Mendes, filha e herdeira do senhor da dita torre, de que teve numerosa successão.



Clichê Clamente J. Gomes

Cathedral da Guarda

(Janella trilobada)

Este apelido de Bourges foi usado por alguns dos seus descendentes, mas como em portuguez sôa melhor Borges, foi com o tempo supprimido o *u* e ficou sendo como hoje se lê e escreve.

Diogo Borges, senhor de Gestaço e Penajoia, commendador do Torrão, senhor da terra d'Alva e de Rerix, etc., foi quinto neto do referido; o filho d'este, Ruy Borges, foi alcaide-mór da villa de Santarem, por carta de El-Rei D. Affonso V, de 20 de maio de 1440, do conselho do mesmo rei, senhor das terras de seu pae, de muitas outras, e de varios padroados, etc., etc., sendo casado com D. Antonia Telles de Menezes, filho do mestre da ordem de Christo, o grande D. Lopo Dias de Sousa, ascendente dos Condes de Miranda, Marquez de Arronches e Duques de Lafões; teve successão.

Como representante d'uma das mais illustres familias do paiz, está o nobre fidalgo expiando com a clausura o crime de perpetuar as ideias e as tradições de seus antepassados que tanto honraram e engrandeceram a Patria.

Antonio Soares de Maia Monteiro

Quando mais risonha e esperançosa se desenhava a perspectiva de vêr realisadas as suas aspirações foram arrancal-o aos carinhos de seus estremecidos paes e ao convivio dos amigos, encarcerando-o.

Foi em nove de agosto de 1912, na occasião em que jantava com a familia que o foram prender, levando-o da casa da sua residencia no largo de Andaluz para a esquadra policial da rua Rosa Araujo, depois incommunicavel para as da Mouraria e Caminho Novo, e mais tarde para o Limoeiro.

Antonio S. Maia Monteiro

Apesar de tantas contrariedades nunca a sua serenidade soffreu avaria. E' elle ainda que do carcere conforta os seus numerosos amigos que em constante romaria lhe veem provar de quanto é merecedor.

Antonio Soares de Maia Monteiro, estudante de Lisboa, nasceu na Vermeosa, concelho de Figueira de Castello Rodrigo em 26 de março de 1893, sendo filho de Joaquim Luiz Monteiro e de D. Florinda Soares de Maia Monteiro. Foi julgado no tribunal marcial de Santa Clara a 31 de dezembro de 1913, sendo condemnado em 20 mezes de prisão e egual tempo de multa a mil réis por dia que está cumprindo na cadeia do Limoeiro.

Tenente Antonio S. Brito e Silva

Nasceu este distincto official em Marvão a 1 de julho de 1881, sendo filho de Luduvico José da Silva e de D. Maria Barbara de Brito e Silva, ambos naturaes de Fronteira. Cursou os Lyceus de Evora e Portalegre, a Polytechnica de Lisboa e a Escola do Exercito com destino á arma de infanteria, sendo promovido a alferes em 1905 e a tenente em 23 de julho de 1908.

Tenente Brito e Silva

Serviu no ultramar, onde enobreceu a sua farda e a sua patria ficando o seu nome ligado a varias operações e combates, como nos de Nacuagua e no reconhecimento a Otitane, residencia do regulo. Transferido para a 8.ª companhia indigena com séde no Mussuril, assumiu depois em março de 1910 o commando da companhia com a qual se encorporou na columna d'Angoche sendo ferido em combate a 23 de junho. Por estes e outros serviços foi repetidas vezes louvado em ordem de provincia, pelo zelo, energia e intelligencia com que preparou, mobilisou e instruiu a companhia e ainda pela competencia com que se desempenhou da sua missão de commando. E' condecorado com a medalha de prata D. Amelia.

Em setembro de 1910 regressou á metropole. Foi por duas vezes syndicado sem resultado por suspeita de crime politico.

A 20 de julho de 1912 deu entrada na Penitenciaria de Coimbra até que por julgamento que se effectuou em abril de 1913 foi absolvido.

Monsenhor Carlos Francisco da Costa

Este ornamento do clero portuguez, depois de ter parochiado a Egreja da Graça, desempenhava ha pouco o cargo de secretario da camara patriarchal de Lisboa, para que fôra nomeado pelo governo do Senhor D. Carlos, dando sempre provas de zêlo apostolico e caridade christã que echoaram longe.

Quando em maio de 1902 visitou Roma, Leão XIII dignou-se agracial-o com o honroso titulo de seu prelado domestico.

Monsenhor Costa, que jámais deixara de obedecer religiosamente aos dictames da sua consciencia de justo e de apostolo, proclamada a republica não deixou de proseguir na missão de defensor da honra e prestigio da Egreja, e foi no desempenho dos seus deveres profissionaes que o governo da republica veio fazer d'este virtuoso sacerdote um perseguido, pois que, por ter simplesmente cumprido um dever, abstrahido de toda

Monsenhor Carlos Costa

a politica, de que nunca fizera carreira, foi em 26 de abril condemnado a uma iniqua pena e a uma barbara multa.

Monsenhor Costa não se encontra felizmente a ferros da republica, porque a providencia nunca desampára os que n'ella confiam, querendo antes de se forjar tão torpe attentado, pol-o a salvo das furias demagogicas, levando-o á gruta de Massabielle onde recebeu a prevenção de não regressar á patria estremecida porque um aleivoso processo se lhe estava urdindo.

Nasceu em Lisboa a 4 de junho de 1868; fez o curso ecclesiastico com distincção no Seminario de Santarem, recebendo ordens de presbytero em 1895.

Faustino d'Oliveira

Impedido e fiel companheiro do sr. capitão Paiva Couceiro a quem votava um grande affecto, nasceu na Zibreira de Torres Novas a 10 de setembro de 1882; em 1902 assentou praça nas baterias de Queluz, onde principiou a servir aquelle capitão, passando depois á Guarda Municipal, e acompanhando-o em 1904 como ordenança para o governo geral d'Angola.

Faustino d'Oliveira Netto
(Fallecido no combate de Chaves)

Proclamada a republica foi collocado na policia, esquadra dos Capellistas, onde tinha o n.º 535, d'onde sahiu com outros para Hespanha a 20 de maio de 1911, indo juntar-se em Vigo com o seu capitão que continuou a servir até 8 de julho de 1912, em que foi ferido no combate de Chaves, fazendo parte do grupo incursor como 2.º sargento, na occasião em que graduava uma peça de artilharia, na povoação de Outeiro Secco, onde foi encontrado pelo regedor d'esta povoação que o conduziu ao hospital militar de Chaves, fallecendo a 10 de julho em resultado d'uma bala que lhe entrou pelo hombro esquerdo.

Foi-lhe encontrado 4$000 réis e um cordão de ouro que não veio para as mãos da familia. Era casado com Maria da Piedade Oliveira Netto, de quem teve uma filha, que se encontram sem amparo.

Dr. Ribeiro Cardoso

Por ter desempenhado o cargo de governador civil do districto de Castello Branco, n'uma das situações que precederam o governo de Teixeira de Sousa, exercendo tambem o sacerdocio como parocho d'aquella cidade, é uma das pessoas de mais evidencia em todo o sul da Beira Baixa.

Dr. Ribeiro Cardoso

Accusado de dirigir um *complot* d'aquelle districto, é preso com outros companheiros após a primeira incursão d'outubro de 1911, dando entrada no Forte do Alto Duque, onde permaneceu até que por doença foi internado no Hospital militar da Estrella seguindo d'ali para o Limoeiro.

Tendo como companheiros de processo, Padre Geraldes, Padre Martins Carrondo e o empregado dos tabacos Caiado, natural de Penamacor, foi com elles julgado duas vezes: a primeira em fins de maio de 1912 no tribunal da Boa Hora, que os condemnou na pena maior, dando-se por essa occasião o mais barbaro attentado contra as leis da humanidade.

N'uma das vezes que regressavam d'aquelle tribunal, entaipados n'um carro cellular, separados uns dos outros por divisões de madeira onde mal se podiam mover, a horda demagogica fez rollar pelo chão o

carro cellular, depois de tirados os cavallos, attingem os prezos com as pontas das bengalas que introduzem pelas frestas das janellas, praticando este barbaro e selvagem attentado com gaudio de centenares de pessoas e á sombra da auctoridade.

Tendo recorrido da sentença foi o processo annullado, vindo a ser julgados no tribunal marcial de Coimbra, que os absolveu em junho de 1913.

O Dr. Ribeiro Cardoso é natural de Sobreira Formosa, concelho de Proença-a-Nova; depois de ter feito o curso ecclesiastico no Seminario de Portalegre, tomando ordens de presbytero, seguiu para Coimbra concluindo a sua formatura em Direito em 1906.

Luciano da Silveira e Noronha

Denunciado por cooperar na causa monarchica, foi-lhe passada uma busca em sua casa, encontrando-se-lhe uma espingarda de calibre 12, e apezar de ter a licença respectiva passada pelo governo civil de Leiria, foi preso em 6 de julho de 1912, e separado assim de sua esposa que se encontrava gravemente enferma.

A 14 de agosto deu entrada na Penitenciaria de Coimbra, sendo julgado em 13 de novembro do mesmo anno pelo tribunal militar d'aquella cidade que o condemnou em 20 mezes de prisão correcional e 3 mezes de multa a 500 réis por dia por *alliciar* um individuo seu co-réu, conforme o testemunho d'um cidadão, apesar da negativa do alliciado.

Em 16 de maio de 1913 foi transferido a seu pedido para a cadeia civil de Porto de Móz, para cumprir o resto da pena.

Luciano da Silveira e Noronha, é casado e residente em Azoia de Leiria. E' um dos beneficiados pela amnistia que não recebeu com sympathia.

Luciano da Silveira e Noronha

Complot de Portimão

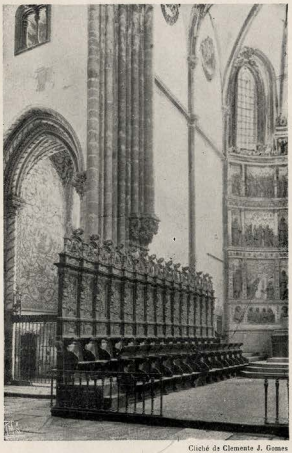
(Presos no Limoeiro após a incursão de julho de 1912 e julgados em abril de 1913, sendo absolvidos)

1.º plano, da esquerda para a direita: Frederico Mendes Basto, Frederico d'Assis Amado, José Silveira dos Santos, Jeronymo Negrão Buissel, Veiga Andrés e Francisco Macedo Ferreira Junior.
2.º plano, da esquerda para a direita, de pé: Manoel Monteiro Mascarenhas, José Avellar Basto, Guilherme Xavier Basto, Guilherme Avellar Basto, José d'Assis Amado, Luiz Soares Andrade.

Martinho Faria da Silva

São passados cinco annos depois do selvagem e barbaro attentado do Terreiro do Paço. A's 10 horas da manhã do dia 2 de fevereiro, tivemos em Samora Correia, a confirmação de tão repugnante crime. As luctas politicas traziam agitado ao ultimo ponto o concelho de Benavente. Os republicanos mandavam, como em todo o paiz! Em Portugal havia a republica de facto, mercê da covardia e imbecilidade dos nossos governantes! Lembro-me como se fosse hoje. Os odios deram treguas durante algumas horas. Era a covardia nacional d'um povo de eunuchos, d'uma raça abastardada, que soffre a estranha anomalia de ter o cerebro e coração no estomago e um instincto de conservação elevado á mais alta potencia, que sob a acção d'um reagente, o crime, revestido de toda a preversidade, se revelava tambem n'esta pequena villa! E assim, os que se diziam monarchicos viram no desaparecimento do Grande Rei, a queda das instituições, e, infelizmente, não se enganaram; os que eram republicanos supoze-

Martinho Faria da Silva



Cliché da Clemente J. Gomes

Sé da Guarda

Cadeirado dos Conegos

ram que uma acção energica do governo ia ter logar para pôr termo a tantas afrontas feitas ao regimen, a tantos vexames e persiguições de que eram já victimas, os que o defendiam! Temeram-se mutuamente! Tornava-se necessario que do nosso campo alguem levantasse os espiritos e soltasse o brado de Sursum corda!

Foi o clero, que, do norte ao sul, chamou a si essa papel, o que bem caro lhe tem custado. Dos torreões de Samora Correia soaram os plangentes dobres de finados, annunciando a tragica morte de dois Reis, e lembrando aos fieis o dever de orarem pelo seu eterno descanço. A Junta de Parochia convoca reunião de protesto, mandam-se telegrammas á Familia Real enluctada, fazem-se preparativos para a missa do terceiro dia, pensa-se em mensagens, etc. Martinho Faria da Silva, que havia sido 2.º sargento da administração militar e que exercia com bastante valentia o logar de

D. Sebastião Leite de Vasconcellos

Bispo de Beja

Nasceu este venerando prelado na cidade do Porto em 3 de maio de 1859, sendo eleito bispo de Beja em 19 de dezembro de 1907. Após a implantação do regimen «luminoso», e para obstar ás perseguições de que vinha sendo victima pelo bom governo da sua diocese, teve de seguir para o exilio, onde ainda se conserva.

regedor de Samora, foi o primeiro a associar-se, prestando com o seu exemplo, e com a sua palavra, nos centros de cavaco, importantes serviços, no encorajamento das almas timoratas. A infeliz escolha d'um governo makavenko veio alentar os inimigos da monarchia. A guerra continuou, ou antes, augmentou!

Padre Barroso, D. João d'Almeida e Sabrosa

Na Penitenciaria

Ao contemplar esta gravura é difficil conhecer esses tres cavalheiros, tão transfigurados se encontram pelas baixezas d'um regimen que se compraz em aviltar os que não lhe dão aplausos.

Tão misera é a situação dos presos politicos, que alheiados dos leis da humanidade, parece serem excluidos da especie humana.

Este valioso «cliché», que muito nos custou a conseguir para satisfazer a curiosidade dos nossos leitores, é um especimen de perseguição, soffrimento e martyrio dos presos politicos, a que foram votados pelos propagandistas da «liberdade, egualdade e fraternidade».

Martinho era um dos alvejados, mas o seu temperamento não era para covardias. Um amigo intimo do inditoso Principe Real, tentou promover uma manifestação das edilidades de todo o paiz á Familia Real no dia trigessimo do passamento das Regias Victimas. Mas a este tempo já os inimigos das Instituições monarchicas estavam senhores da situação, com o governo de F. do Amaral de maldita memoria. Apareceram só, pois, a Camara de Cascaes, a Camara da Azambuja e uma Commissão de Samora Correia. D'esta fazia parte Martinho Faria da Silva. O Senhor D. Manuel, palido, nervoso, ainda de braço ao peito, recebeu, commovido, os representantes dos filhos do povo, que iam comparticipar do seu luto. E depois de se referir aos tragicos acontecimentos, que o tinham collocado no throno, disse: «Contem commigo não só como vosso infeliz Rei, mas como amigo, se um dia precizarem de mim, porque não os esqueço.» Ao que o Martinho, com as lagrimas nos olhos, respondeu em tom decidido: «Pois V. M., meu Senhor, conte tambem commigo...» O Martinho cumpriu a sua palavra.

. . . . . .

Martinho Faria da Silva, de 41 annos d'edade, é natural de Lisboa, casado com D. Theodora Mercêdes Cardoso; partiu em junho de 1911 para Hespanha, alistando-se nas hostes de Paiva Couceiro, com o posto de 2.º sargento. Fez parte da 1.ª e 2.ª incursão, sendo ferido no combate de Chaves em uma das mãos pelos estilhaços d'uma bala de dum-dum, que partiu d'aquella fortaleza. Publicando o seu retrato temos em vista enriquecer a galeria d'*O Album dos Vencidos*, que os nossos vindouros poderão folhear sem vergonha; se tiverem mais pundonor, mais virtudes civicas do que possuimos hoje, sirvam-lhes, ao menos, estes exemplos de lenitivo, quando a Historia, juiz implacavel, pronunciar a sua sentença.

F. T.

Dr. Luiz Antunes de Lemos

Dentre a nova geração academica destacamos aqui trez figuras que se diz faziam parte do *complot* de Coimbra. A do nosso biografado e as do Dr. Antonio Luiz de Oliveira e Gilberto Augusto Velozo da Costa, de que adeante nos ocuparemos tambem.

Dr. Luiz Antunes de Lemos

O que foi esse *complot* disseram-no à larga as gazetas radicaes e registam-no em passagens de vergonhosa memoria para os defensores da Republica, os insultos, e todas as infamias que cobriram os acusadores em geral.

Apontado o nosso biografado como um dos activos promotores da contra revolução monarquica foi prêso a 13 de junho de 1911 e solto sob fiança de 2 contos de reis em 8 de agosto seguinte. Como tivesse sido pronunciado *provisoriamente*, agravou do despacho para a Relação do Porto que confirmou a pronuncia tornando-se definitiva. E tendo recorrido ainda para a Relação de Lisboa ali foi dado accordão confirmando o anterior de que ainda recorreu para o Supremo Tribunal de Justiça.

Enquanto este decidia o recurso, deu-se a incursão de julho, fôram constituidos os tribunaes marciaes e cassadas as fianças. Por esta razão Luiz de Lemos foi de novo prêso a 21 de novembro

Antonio Leite d'Oliveira Reis

Neto paterno de Antonio Leite de Sousa Pereira, um dos bravos de Mindello, luctou tambem como seu avô pela liberdade, tão ridicularisada n'estes «luminosos» tempos da republica, em que a «egualdade e fraternidade» se patenteia na praça publica pelos açoites da «formiga branca», o que lhe valeu a penna de 6 annos de prisão maior cellular seguidos de 10 de degredo, que está cumprindo na penitenciaria de Coimbra.

Nasceu em Lisboa a 8 de outubro de 1863, sendo casado com a sr.ª D. Catharina Lucia Rebello Feio.

de 1912 e conduzido à Penitenciaria de Coimbra onde se conservou até 22 de Abril de 1913 dia em que foi julgado e absolvido.

Luiz Antunes de Lemos é filho de Antonio Julio Antunes de Mesquita Guimarães e de D. Maria Leopoldina de Carvalho Lemos, nasceu em Villa Real de Traz os Montes em 24 de outubro de 1897 onde cursou parte do liceu. Tendo vindo para Coimbra ali concluiu o curso dando entrada na Universidade onde frequenta a faculdade de direito.

E' neto paterno de Manuel Antunes de Oliveira Guimarães, um dos liberaes que com seu irmão Antonio Ludovico Guimarães a quem D. Pedro IV agraciou com a comenda da Conceição, se bateram pela causa da liberdade.

Elle tambem com o seu esforço tentou libertar o paiz do predominio da escoria mais affrontosa que pode produzir a humanidade, desde que a nação padece da *formiga branca*, infiltrando actos de banditismo, com a falta absoluta de ideal nas fileiras republicanas, renegando d'uma maneira repugnante todos os principios democraticos e faltando a todas as suas promessas com cynismo ultrajante.

Prestando esta homenagem, o *Album dos Vencidos*, envia a Luiz Antunes de Lemos as suas saudações e junta o seu agradecimento ao dos prisioneiros politicos da Penitenciaria de Coimbra, para quem tem sido um amigo e um leal camarada quer soccorrendo-os, quer promovendo subscrições em seu auxilio.

Presos politicos

(Grupo do Limoeiro)

1.º plano, da esquerda para a direita: José Paradante, Manoel Rodrigues Loureiro, Eugenio Pinto dos Santos, Herminio (policia), Leite (pae do prior de S. Paulo) e Ribas de Souza.

2.º plano: Manoel Carvalho, Manoel Pereira, Mimoso Ruiz (redactor d'*A Nação*), Fausto Villar, José Caiado Valente, e Alfredo Baptista.

3.º plano: Padre Antonio M. Carrondo, Noronha Cruz, Vinagre Torres, Padre Geraldo Gomes Freire, Manoel Antunes, Cabo Marques e José João.

Eugenio Augusto da Silva

Foi uma das primeiras victimas do jacobinismo dominante.

Em abril de 1911 foi encerrado no calabouço do quartel de Infantaria 2, onde póde dizer-se, esteve incommunicavel durante os treze mezes de prisão preventiva.

Eugenio Augusto da Silva

O ambiente era acanhadissimo, humido, sem ar e sem luz, onde enxameavam camadas de parasitas. Tinha por unicos moveis, uma enxerga, uma manta immunda, uma bilha de barro com agua e um banco aleijado onde mal podia sentar-se.

E ali se conservou contra todas as regras da hygiene e contra todos os principios da humanidade e do direito, um homem que o seu unico crime era guardar fidelidade ao seu Rei e á Bandeira que elle jurara defender.

Encontramol-o, embora exausto de forças e de semblante cadaverico, resignado, demonstrando uma altivez e um brio tão raro como cavalheiresco.

Eugenio Silva, pela sua dedicação á causa monarchica e pela resignação com que soportou tantos soffrimentos, tem logar n'este *Album*. Não é nobre pelo sangue, mas é pelo caracter e pelas virtudes. E a virtude é o mais raro e precioso titulo de fidalguia.

Nasceu em Lisboa a 4 de março de 1890. Respondeu no Tribunal das Trinas com Antonio Ribas, sendo absolvido.

Francisco Antonio Ferreira

Tem um episodio na sua vida que aqui vamos registar por merecer o devido apreço. Tendo sido chamado ao recrutamento militar em 11 de junho de 1911 e apurado para servir a arma de cavalaria, justamente no dia em que se devia apresentar no quartel de Chaves, atravessou a fronteira e dirigindo-se a Paiva Couceiro, disse-lhe: — «*Venho assentar praça nas hostes realistas, unicas que reconheço como representantes das legitimas aspirações da nacionalidade portugueza. Fui chamado ao serviço militar, e como me repugna ter de servir um regime falso, aqui estou para servir o Rei e a Patria. Se não tiver logar nas hostes que V. Ex.ª comanda, partirei saudoso para o Brasil, o que prefiro a defender a Republica.*»

Francisco Antonio Ferreira

Com efeito, foi alistado, no grupo monarquico sob o comando do Tenente Victor de Menezes, tendo tomado parte no combate de Vinhaes em 5 de outubro e no de Casares na noite do mesmo dia de 1911.

Quazi um ano depois, a 8 de julho, fazendo ainda parte da mesma coluna, entrou na praça de Chaves, caindo ferido gravemente ao lado de Ornelas e Vasconcelos e D. Pedro de Vila Franca. A quinze metros, se tanto, do inimigo sustentou fogo intenso, com rara valentia.

Recolhido do campo da batalha, pelas tropas republicanas, estas maltrataram os feridos, roubaram-n'os e cevaram os seus instinctos de ferocidade nos proprios cadaveres, esmagando-lhes os craneos á coronhada. Tres mezes depois, obtida a alta no hospital onde esteve em risco de vida, foi a julgamento, tendo logar no dia 18 de outubro, e que o condenou a 4 anos de prisão maior celular, seguidos de 8 de degredo, ou em 15 na alternativa.

Francisco Antonio Ferreira, deu entrada na Penitenciaria de Coimbra em 5 de novembro de 1912; é filho de João Francisco Ferreira e Anastacia de Lemos Fernandes, natural de Curral de Vaccas, do concelho de Chaves.

Dr. Antonio Luiz d'Oliveira

Este illustre ornamento do clero portuguez que frequenta a Universidade de Coimbra, é um verdadeiro defensor da causa monarchica, que pelas suas qualidades de caracter tem jus á nossa sympathia.

Foi preso por denuncia d'um seu condiscipulo que o apontou ás auctoridades como um dos membros do *complot* de Coimbra. Posto incomunicavel durante 27 dias n'uma célla da Penitenciaria, conseguiu mais tarde sahir sob fiança que lhe foi cassada em 21 de novembro de 1912.

Dr. Antonio Luiz d'Oliveira

Sé da Guarda

(Janella trilobada)

Uma vez de novo na Penitenciaria, foi pelo seu precario estado de saude removido para o hospital civil e d'aqui para o militar, até que em abril de 1913 foi a julgamento sendo absolvido.

Soffreu os mesmos insultos de que a *rua* foi fertil nos primeiros tempos da sua effervescencia e rancor politico.

Antonio Luiz d'Oliveira é natural d'Albufeira; depois de ter tomado ordens de presbytero, matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde é alumno distincto e geralmente estimado.

Dr. José Crespo Simões de Carvalho e sua esposa

Dr. José Crespo Simões de Carvalho e sua esposa D. Florencia S. de Carvalho.

Natural da freguezia de Villa Fernando (Guarda), formou-se em Direito, vindo assentar banca de advogado na Guarda, onde se tornou notavel pelo seu saber e pelas suas solidas convicções religiosas. Em virtude do seu casamento, mudou para a Covilhã, terra de sua esposa, onde fundou o semanario *Sul da Beira*, jornal catholico.

Com a mudança de regimen mudou para a sua terra, para evitar a perseguição dos seus inimigos, até que em fins de junho de 1911 se viu forçado a seguir para o exilio, quando a policia lhe havia assaltado a casa para o prender.

Pertence a uma antiga e abastada familia de legitimistas, e por esse motivo é um verdadeiro monarchico.

Conterraneo, colega, amigo e parente, embora em remoto grau do auctor d'esta publicação, por issso se regista aqui como homenagem o seu retrato.

Soneto

A' Senhora Condessa de Ficalho:

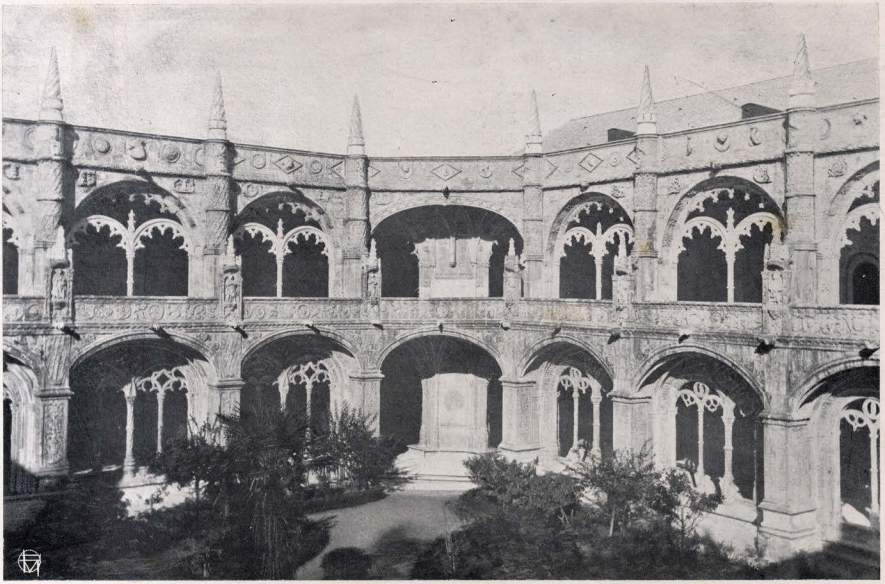
Eu estive a pensar no que foi Portugal...
Que nome tamanho para terra tão pequena!
E vi n'esse passado de brilho sem egual
O nome santo de Fillipa de Vilhena.

Mas nem sei bem porque outro nome me lembrou,
Nome de adoravel e linda tradição...
Que nos falla de esmolas que Deus transformou
A Rainha Santa Isabel de Aragão.

De vós, senhora, eu já me tinha lembrado
Quando o pensamento veloz deixei correr
E assim com elle fui viver do passado...

Mas assim devaneando e sem o saber
Achei na lenda e n'um exemplo sagrado
O que de vós, Senhora, queria escrever.

* * *



Claustro do Mosteiro dos Jeronymos

Cliché da photographia Beleza

(A arte nos tempos ominosos)

AOS EX.MOS ASSIGNANTES

Para a GUARDA, devem ser dirigidas todas as reclamações, bem como elementos de informação, photographias, etc., que tenham cabimento na nossa publicação.

A assignatura é permanente.

Serie de 6 numeros	1$000 réis
» » 3 »	540 »
Avulso	200 »

A' medida que formos recebendo a importancia do 2.º trimestre ou 2.ª serie, de 1$000 réis, iremos distribuindo as capas que offerecemos aos assignantes, que vão juntas com o n.º 10, para os que houverem pago.

O proximo n.º 11 occupar-se-ha do Senhor D. Manuel.

O *Album dos Vencidos* vende-se em todas as livrarias.

Redacção e administração: Rua Ruy de Pina, 15 — GUARDA

Rev. 1